

## O soneto "Verde" de Júlio Maciel

*Edigar de Alencar*

Em *Terra Mártir*, um dos livros de maior densidade e unidade da poesia cearense, já nas primeiras páginas depa-ramos o soneto "Verde", dos mais belos da língua portu-guesa, e talvez o de maior significação para o Ceará:

*Há uma ressurreição no Sertão rudo.  
Uma ressurreição! — Verde e risonho  
É o vale, verde a serra, é verde tudo  
Em que os meus olhos, deslumbrado, ponho.*

*Bruto alcantil de aspecto mau, desnudo  
Esvão de terra, ríspido e tristonho,  
— Agora, tem branduras de veludo,  
Verdes agora os vejo, como em sonho!*

*Em cisma, a sós, contemplo verde liana,  
Verde, tão verde, com carícia humana  
As ruínas afagando a uma tapera.*

*E, na contemplação que me não cansa,  
Sinto quão doce és tu, cor da Esperança  
— Até nos olhos de quem nada espera...*

Sem quaisquer pretensões didáticas ou estruturalisti-  
cas — tarefa que deve ser privativa de professores, críticos e  
esticólogos — façamos ligeira apreciação do admirável poe-  
meto de Júlio Maciel, apenas para realçar-lhe as belezas do

texto magnífico, que representa um dos momentos culminantes e mais felizes do seu autor.

*Temática* — Fugindo do tema batidíssimo (justificadamente) nas letras nordestinas — a seca — Júlio Maciel preferiu no soneto cantar o inverno em toda sua estupenda impulsão renovadora, tão benéfica à paisagem, à terra cearense e à alma do seu povo sofrido e bravo. E o fez, singularmente, sem utilizar em nenhum momento o vocábulo 'inverno'. Sequer usou a palavra 'chuva', tão afeiçãoada da terra, como designativa do fenômeno atmosférico mais desejado por todos e propiciador do cenário em que o Poeta se debruçava no seu êxtase panteísta.

Já no primeiro verso se enuncia a soberba síntese do quadro a debuxar:

*Há uma ressurreição no Sertão rudo.*

E todo o soneto passa a ser uma glorificação clorofilativa do Sertão (com maiúscula), em toda sua pompa vegetal. Nos quartetos, além da descrição enfática do panorama deslumbrante, o Poeta, sem dele fugir, mergulha num passado não muito distante para acentuar o contraste do ontem seco e desolador e do agora pleno de seiva e exuberância.

No primeiro terceto, a visão ganha relevo emocional, ao fixar-se o Poeta na tapera talvez vazia que o verde cipó enlaça, cobrindo-lhe brechas e feridas:

*Verde, tão verde, com carícia humana  
As ruínas afagando a uma tapera.*

Dai chega ao terceto derradeiro, onde o encantamento do cenário sofre a interferência íntima e incontida do Poeta, para a nota final, única nota dorida do poema eufórico. Dorida, sim, mas não amarga, antes tocada da mesma doçura da cor da Esperança (com maiúscula tal como no Sertão).

*Desenvolvimento* — Depois do verso inicial de extraordinário poder sintético, o Poeta voluptuosamente passeia os olhos pela paisagem esplêndida, carregada de verde, que é vida e alegria. Como se de ímpeto chegasse à varanda e recebesse o impacto da visão maravilhosa. A seguir, no quarteto segundo, não pode fugir à lembrança anterior e contrasta o sertão seco e feio de antes da chuva benéfica com a beleza do campo visual de hoje. A retrospectiva mental

desse mergulho interior torna ainda mais magnificante o espetáculo que o empolga. E tal o alumbramento que imagina o Poeta estar sonhando diante do milagre fabuloso das chuvas. Desse contrastar resulta a belíssima estrofe, na verdade um primor de construção, tanto na utilização das palavras como no ritmo cadenciado, na sugestão colorida de significantes e significados:

*Bruto alcantil de aspecto mau, desnudo  
Esvão de terra, ríspido e tristonho,  
— Agora, tem branduras de veludo,  
Verdes agora os vejo, como em sonho!*

A imaginativa do Poeta interfere no primeiro terceto, quando vê na tapera em ruínas, invadida pela ramagem audaciosa, não uma investida solerte mas prova de afetividade e carinho, que será, afinal, simples transferência de sentimentos dele próprio. Dominado e embriagado pela natureza em festa, o Poeta enxerga apenas ternuras e branduras. A invasão do ramo verde será cariciosa manifestação de bondade e ajuda, de agrado e consolo às ruínas, que também reverdecem ao banho fecundante das chuvas:

*Em cisma, a sós, contemplo verde liana,  
Verde, tão verde, com carícia humana  
As ruínas afagando a uma tapera.*

E a ressonância interior se propaga ao terceto final, quando a contemplação visual cede lugar à transposição para o subjetivo:

*E, na contemplação que me não cansa,  
Sinto quão doce és tu, cor da Esperança  
— Até nos olhos de quem nada espera...*

Tratando-se de sonetista exímio, do padrão clássico, não nos parece necessário estender esta apreciação, mais de conceituação que de forma, ao processo de elaboração técnica do soneto. Entanto, não será demasiado frisar a beleza e riqueza das rimas (nem uma só de igual classe gramatical) e o encadeamento feliz e correntio dos versos dos quartetos.

*Linguagem* — De início, a atenção é despertada para a reiteração do vocábulo 'verde', que, além de dar título ao poemeto, nele se reproduz em quase todas as estrofes: quatro

vezes no primeiro quarteto; uma (pluralizada) no segundo e três vezes no primeiro terceto. No terceto final é ainda invocado, mas aí pelo eufemismo — cor da Esperança. Essa repetição, longe de monotonizar o soneto, é de grande efeito, não somente harmonioso, mas também visual. Até porque a repetição nos dá a impressão de acidental, isto é, de não ter havido o propósito de causar espécie ou de parecer original, como talvez seja o caso de alguns bons sonetos brasileiros, bastante conhecidos. Ademais, o vocábulo ‘verde’, não obstante seu significado pictórico e, no caso, revivescente, não é nem sonoro nem rímico.

O verso de abertura, de força sintética singular, reúne duas palavras rimadas de grande beleza semântica — *ressurreição* e *sertão* —.

*Há uma ressurreição no Sertão rudo.*

A palavra abençoada e bíblica — *ressurreição* — é repetida a seguir numa exclamação incontida e ainda mais eloqüente pela antecipação do numeral também repetido, e que, curiosamente, ao invés de limitar o substantivo, lhe dá maior amplitude e totalidade:

*Há uma ressurreição no Sertão rudo.  
Uma ressurreição!*

É todo o sertão antes agreste e rude que rebenta no ressurgir florido e verdoengo. Tudo é verde:

*Verde e risonho  
É o vale, verde a serra, é verde tudo  
Em que os meus olhos, deslumbrado, ponho.*

O adjetivo — *rudo* — (Em *Os Lusíadas* lá estão “fruta ruda” e “povo rudo”) não foi empregado como recurso rímico, ou pelo menos não tão-somente por isso, mas precisamente para imprimir maior força à pintura do sertão de antes das chuvas: seco, bruto, ríspido, agreste, tão bem descrito no quarteto segundo. Não nos parece haver dúvida que a forma ‘*rudo*’ é mais forte do que ‘*rude*’.

Nessa estrofe, o Poeta se vale de substantivos e adjetivos que marcam indelevelmente a natureza hostil e dura dos períodos de estio. Os substantivos ‘*alcantil*’ e ‘*esvão*’ (desvão), já exuberantes de significação, recebem adjetiva-

ção carregada de fealdade e aspereza. Mas tudo se diluirá na delicadeza dos dois versos seguintes, onde se fixa a resurreição tão exúbere que o Poeta imaginando sonhar se vale, então, de formoso substantivo — branduras — anteposto a outro de imenso poder sugestivo — veludo.

A nosso ver, nesse quarteto reside a pujança maior do admirável soneto, magistralmente composto. Conhecedor da língua e freqüentador dos clássicos, Júlio Maciel, sem qualquer prurido de erudição, não somente utilizou vocábulos menos usados: alcantil, liana, branduras, como não teve medos das repetições, delas tirando antes ótimos efeitos poéticos e musicais. Observem a feliz colocação do advérbio 'agora' em dois versos seguidos. Mas o capricho formal, que é, sem dúvida, característica marcante do belo livro e que culmina no soneto "Verde", não exclui a emoção com que o Poeta o imaginou e compôs. E o lirismo se acentua justamente nos tercetos, quando em transe de singular intuição poética, o sonetista passa do alumbramento visual para o apelo íntimo, sentimental, que redundava no belíssimo e comovente fecho.

*Musicalidade* — Preferindo acertadamente o metro decassilábico, Júlio Maciel, que em outras páginas de *Terra Mártir* mostra o quanto sabia trabalhar o verso alexandrino, produziu verdadeira jóia, esmerilhada com felicidade e alto senso artístico. A musicalidade dos versos desse quatorzeto é dos motivos principais de sua beleza. Começando com um verso que poderia parecer duro pela sinalefa nos dois vocábulos iniciais, mas cuja absorção é feita sem maior esforço, todos os versos são harmoniosos e cantantes. O ritmo é mantido até o fim e a sonoridade se faz sentir sem parecer que houve a intenção de assonâncias ou aliterações, admirando até que em alguns instantes, o Poeta não se tenha deixado seduzir totalmente como na estrofe primeira:

*Verde e risonho  
É o vale, verde a serra, é verde tudo*

ou ainda na maciez veludosa da terceira estrofe, transbordante de doçura:

*Em cisma, a sós, contemplo verde liana,  
Verde, tão verde, com carícia humana*

A observação quanto à musicalidade ainda é mais válida porque Júlio Maciel noutros sonetos se compraz em exhibir certa rigidez de construção, o que contribuiu para que recebesse alguns reparos quando do aparecimento do seu livro de estreia. Citaria a propósito "Dragão do Mar", "Gatos Pingados", "O Burro", "Judas", etc.

Na composição de "Verde" o autor não fugiu dos vocábulos terminados em *ão*, nem sempre bem ajustados ao verso. Ao contrário, deles se aproveitou com rara mestria, desde o primeiro verso: ressurreição, sertão, contemplação, até as partículas *tão*, *quão* e *não*. Curiosamente esses vocábulos, longe de afeiares o soneto, lhe emprestam festiva nota de sinos em repique.

*Conclusão* — "Verde" é, sem dúvida, das mais belas composições da espécie, podendo ser alinhado entre os mais bem construídos e imaginados. E não apenas no Brasil. Leva sobre muitos deles, além de outros méritos, a virtude de ser fidelíssima descrição paisagística de força pictórica, não muito vervejada, aliás, e de maior significado para o Ceará por focalizar o momento alviçareiro da terra fértil ao receber as bênçãos do céu no pranto benéfico das nuvens.

O sonetista de "Jacarecanga", "O Relógio", "Bela Vista", "Judas" e tantos mais, em "Verde" atingiu a alturas dificilmente alcançáveis. Isso numa terra pobre de poetas maiores, de repercussão nacional, mas de excelente safra de belos sonetos. Raro será o poeta cearense que não tenha produzido pelo menos um magnífico soneto.

Agripino Grieco disse certa vez que todo brasileiro deveria saber de cor o soneto "Argila" (Eugenia), de Raul de Leoni. Sem igual autoridade, mas não com menor razão, achamos que o soneto "Verde", de Júlio Maciel, não somente deveria ser declamado nas escolas primárias e divulgado nos estabelecimentos de instrução do Ceará, como guardado na memória de todos os seus filhos.